

# Reportagem Especial

TRÁFICO NOS BAIROS

## Chefões mandam punir ladrões

Bandidos que cometem crimes são investigados e julgados a mando de traficantes que ditam regras nas bocas de fumo da Grande Vitória

Leone Oliveira

No Estado de Direito, a polícia tem a função de investigar e prender os suspeitos de assalto que serão julgados pela Justiça. Contudo, na sociedade paralela do mundo do tráfico, os próprios chefões impõem regras, ordenam as investigações e determinam as punições àqueles que roubam dentro dos bairros, onde funcionam as bocas de fumo deles.

Entre as regras está a identificação de quem chega ao bairro, como no Morro do Soteco, em Vila Velha, onde num muro há o aviso de que o local está em guerra. Outra regra é a proibição dos roubos, que em caso de não ser respeitada pode levar o suspeito à morte.

“É muito comum um grupo de traficantes se reunir para decidir o que será feito com um indivíduo que furtou no bairro ou com um integrante que subtraiu alguma quantia de dinheiro ou droga da quadrilha”, destacou o delegado adjunto da Delegacia Especializada de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), Fábio Pedreto.

O titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vitória, delegado Paulo Expedito Amaral, explicou que os traficantes evitam que roubos e furtos aconteçam nos bairros, porque esses crimes atraem a polícia até o local. “A última coisa que os traficantes querem é a polícia no bairro. Para eles, quanto menos polícia na região, melhor”, afirmou o delegado.

De acordo com ele, muitas vezes, o traficante não tem dificuldades em descobrir o ladrão. “Geralmente, as pessoas que furtam são usuárias de entorpecentes que, para manter o vício, praticam os furtos. Eles trocam esses objetos nas bocas de fumo por drogas. Os usuários da



ANTONIO COSME/AT

**MURO** localizado no Morro do Soteco, em Vila Velha, tem um aviso para quem chega ao local se identificar. Traficantes evitam que roubos e furtos aconteçam nos bairros porque esses crimes atraem a polícia até o local onde funcionam as bocas de fumo

comunidade são conhecidos dos traficantes, que percebem que o objeto que o usuário troca não corresponde à realidade financeira dele”, contou Expedito.

Segundo ele, o suspeito é abordado pelos vapores — responsáveis por vender a droga — e levado ao gerente do tráfico, ou recebe recado para encontrá-lo num ponto isolado do bairro para o “desembolo”, como é chamada a conversa entre traficante e o suspeito do crime.

Nessa conversa, o traficante pode exigir que o ladrão pague pelo prejuízo causado e, nos casos mais graves, ele pode ser expulso do bairro, espancado ou até morto.

“A última coisa que os traficantes querem é a polícia no bairro. Quanto menos polícia, melhor”

Paulo Expedito Amaral, delegado

## Execuções violentas viram exemplo

O titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Cariacica, delegado João Paulo Pinto, afirmou que, além dos roubos e furtos, os traficantes também punem os acusados de estupros e traição à quadrilha. Essa punição, em muitos casos, é a morte.

Segundo ele, a execução dos suspeitos é feita, na maioria das vezes, de forma violenta, com o uso de paus e pedras. “Os traficantes querem que aquele corpo seja o exemplo para amedrontar os outros que estão cometendo esses crimes e, até mesmo, para impactar a comu-

nidade”, explicou o delegado.

A morte dos suspeitos ainda serve como uma forma de ganhar a confiança da população, que não gosta dos crimes praticados no bairro onde mora.

“Os traficantes precisam do apoio daquela população para acobertar as atividades criminosas que eles praticam, o que muitas vezes acontece, e precisam dar uma resposta. A resposta que eles dão é essa”, afirmou ele.

Para o delegado, os traficantes acreditam viver numa sociedade paralela, onde possuem poder de polícia e que já causou a morte de vários inocentes. “Há casos de pessoas que morrem por engano porque alguém passa uma ordem por telefone, outro bandido vê um cara parecido e acha que é o mesmo e o mata, mas, quando vai ver, não era o alvo”, revelou ele.



ANTONIO COSME - 04/02/2016

**JOÃO PAULO PINTO** explicou que os traficantes chegam a punir com a morte acusados de estupros e traição à quadrilha

### COMO OS ASSALTANTES SÃO JULGADOS



#### 1 CRIME

Segundo a polícia, esses criminosos, geralmente, são usuários de drogas que cometem pequenos furtos e roubos para manter o vício. Os celulares costumam ser os principais alvos dos ladrões.



#### 2 CONVERSA

O assaltante é abordado e levado pelos vapores (responsáveis pela venda de drogas) ao gerente do tráfico para o “desembolo” (conversa) ou recebem recado para encontrá-lo num local isolado do bairro.



#### 3 PUNIÇÃO

Durante o “desembolo”, o traficante determina a punição ao suspeito de praticar os crimes. As punições previstas pela lei do tráfico vão de uma advertência verbal até a morte do suspeito.

### DEPOIMENTOS

#### Morto a pedradas

“Há cerca de um ano, os traficantes mataram um jovem, que tinha cerca de 20 anos, dentro do quintal de uma residência. Já havia algumas denúncias de que ele estava cometendo pequenos furtos no bairro.

Os traficantes pegaram ele cometendo um desses crimes e mataram esse jovem a pedradas. Dois anos antes, um homem, que tinha entre 25 e 30 anos, foi morto do mesmo jeito”.

Moradora do bairro Jardim Botânico, em Cariacica

#### Meninas fiéis ao chefe

“As meninas mais novas, que se envolvem com o tráfico e começam a namorar os chefes do tráfico, não podem largá-los. Elas têm que ser fiéis a eles até eles morrerem. Se ela o trair, ele manda o pessoal do morro raspar a cabeça dela. Se trair de novo, manda matá-la.

Quando o camarada mora no morro e rouba no morro, o traficante manda matar ele. É a lei deles. O usuário que está devendo, é levado ao alto do morro e leva uma surra”.

Morador do Morro da Fonte Grande, em Vitória

## Reportagem Especial

## TRÁFICO NOS BAIRROS

# Famílias expulsas por rivais em morro

Nos bairros da Grande Vitória, onde impera a lei do tráfico, os cidadãos que não possuem envolvimento com o tráfico de drogas também acabam sendo vítimas dos criminosos.

Um morador do Morro da Fonte Grande, em Vitória, que só aceitou conversar com a reportagem de **A Tribuna** se não fosse identificado, denunciou que traficantes do Morro da Piedade estão expulsando familiares de rivais, que foram presos ou mortos, do Morro da Fonte Grande.

“Essas pessoas não tinham nada a ver com a situação. Depois de expulsá-los, os traficantes entraram nas casas e quebraram tudo. Quebraram telhado, televisores e outros objetos que viram pela frente”, disse o morador.

Segundo ele, a rixa entre as gangues começou há alguns anos, durante um jogo de futebol, disputada num campo da Fonte Grande.

## REGRAS

Para se protegerem de quadrilhas rivais e da polícia, os criminosos tentam impor algumas regras nos bairros onde estão instalados. Uma dessas regras é a identificação de quem chega ao bairro.

“À noite, os traficantes mandam apagar os faróis do carro e os motociclistas tirarem o capacete para ver quem é que está entrando, porque têm medo de que seja alguém de uma quadrilha rival. Isso tudo acontece pela ausência do controle do território que eles não têm”, explicou o titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Cariacica, delegado João Paulo Pinto.

## Sem visita de familiares

A guerra do tráfico e as regras impostas por traficantes para se protegerem das quadrilhas rivais fazem com que pessoas, que não possuem nenhuma ligação com o crime, tenham medo e, em alguns casos, sejam impedidas de visitar familiares nos bairros em conflito.

“No bairro onde moro há a imposição de que moradores de bairros vizinhos que estão em guerra não podem entrar no bairro e vice-versa. Tenho parentes que não vão me visitar no meu bairro por medo. O morador, que não tem envolvimento com nada de errado, tem medo de ser confundido com traficantes e ser morto”, contou um morador da região da Grande Terra Vermelha, Vila Velha, que pediu para não ser identificado.

De acordo com o titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Cariacica, delegado João Paulo Pinto, essa regra é comum nos bairros que possuem rivalidades históricas e tem se agravado com o uso de marcas ligadas a facções cariocas, como o Tudo Dois (TD2) e Tudo Três (TD3).

“No Rio de Janeiro, o morador de uma favela, que não tem envolvimento com tráfico, não pode nem visitar os familiares em outra favela. Aqui, ainda é uma coisa em-

Um policial militar da Serra contou que essa é uma tática comum nos locais onde há altos índices de criminalidade. “A gente aborda algumas pessoas que dizem que preferem tomar a multa por estarem sem capacete, do que tiro, por descumprirem a regra”, revelou ele.

Essa situação também afeta quem trabalha com transporte. “O próprio morador já orienta que tem que abaixar o vidro. O trabalhador que mora ali também fica refém dessa situação”, contou o presidente do Sindicato Profissional dos Motoristas de Táxi do Estado do Espírito Santo (Sindtavi-ES), João Vailati Sidêncio.

Já o titular da DCCV de Vitória, delegado Paulo Expedito Amaral, frisou que essa regra não ganhou grandes proporções na capital, pois a polícia tem o domínio territorial. “Essa afronta não é tolerada pela polícia nem pela população dos bairros, que na maioria é formada por pessoas de bem”, destacou ele.



PAULO EXPEDITO frisou afronta

brionária, porque eles não têm o controle territorial”, explicou ele.

## COMBATE

O delegado adjunto da Delegacia Especializada de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), Fábio Pedroto, destacou que a equipe tem investido no serviço de inteligência para combater essas quadrilhas.

“A partir do momento em que a gente prende esses traficantes e apreende armas, estamos ajudando a reduzir o número de homicídios”, disse ele.

Segundo a Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vitória, até 28 de abril foram 22 homicídios na capital contra 25, no mesmo período do ano passado.

Em Cariacica, a DCCV do município informou que o número caiu de 74 assassinatos, até 26 de abril de 2015, para 46 mortes no mesmo período deste ano.

“Tenho parentes que não vão me visitar no meu bairro por medo”

Morador da região da Grande Terra Vermelha

## ADOLESCENTES EXECUTADOS



LEONARDO DUARTE - 15/07/2015

## Morto por furtar peças de ferro-velho

O adolescente Rafael Barbosa de Mello (destaque), 14, foi morto a pedradas e pauladas por cinco traficantes de Santa Catarina, Cariacica, em 13 de junho do ano passado.

Na época, a polícia acreditava que a motivação do assassinato teria si-

do homofobia e o tio da vítima chegou a ser preso acusado do crime.

No entanto, durante as investigações, diversas denúncias anônimas chegaram à Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Cariacica de que o crime foi cometido por Romário

Gama de Almeida, David de Oliveira Aguiar, Robert Motta Russ e dois adolescentes, de 16 e 17 anos à época.

Eles confessaram o crime e disseram que a motivação teria sido um suposto furto de peças de um ferro-velho cometido pela vítima.



ACERVO PESSOAL

## Assassinado por roubar R\$ 200

O roubo de R\$ 200 de uma lanchonete foi o motivo para que um funcionário do estabelecimento onde o crime aconteceu matasse o jovem Samuel da Silva Barbosa Junior, 17 anos, em Rio Marinho, Cariacica.

Para matar o adolescente, o acusado Robson Mendes Baessa teve a ajuda de outros dois menores de idade, que tinham envolvimento com o tráfico do bairro.



FOTOS: ACERVOS PESSOAIS

## Julgadas por “tribunal” do crime

As adolescentes Kessia Ferreira Carvalho, 16 anos, e Cassiane Queiroz da Silva, 13, foram condenadas a morte por um “tribunal” do crime, formado por cinco traficantes, em São Mateus, Norte do Estado.

O “tribunal” as julgou, pois elas estariam envolvidas com traficantes rivais. Nos corpos delas foram encontradas marcas de tortura, violência sexual e tiros.

## DEPOIMENTO

### Sem o capacete

“Eu estava voltando para casa do trabalho por volta das 18 horas. Quando cheguei na entrada do bairro, fui abordado por um grupo novato aqui na região.

Eles não me conheciam e um deles gritou, dando ordem para eu tirar o capacete da cabeça. Não consegui ver se eles estavam armados.

Fiquei nervoso na hora, porque sou morador antigo do bairro. Mas, hoje em dia, a violência está em todos os lugares e todo mundo fica preocupado”.

Morador da Grande Terra Vermelha, Vila Velha

## ANÁLISE

### “Se o Estado não é presente nos bairros, o crime é”

A punição a quem pratica crimes no bairro é uma prática antiga do crime, muito comum no Rio de Janeiro, e se tornou modelo em outros estados. Nesse modelo, o crime passa a fazer o papel de Estado. O povo conspira a favor daquele que o protege. Se o Estado não é presente, o crime é. A população é coagida a colaborar, mesmo que não queira.

Primeiro, os traficantes afastam a possibilidade da polícia estar presente no bairro, evitando que ocorram assaltos. Depois, eles conquistam a população. Os moradores,

Alexandre Domingos, especialista em Segurança Pública e Privada



por exemplo, podem deixar a janela de casa aberta, porque não vai ter a casa roubada, o pai pode deixar a filha e a mulher irem à rua, porque elas não vão ser molestadas. Nenhum outro crime acontece no bairro a não ser o tráfico de drogas.

A partir do momento em que ele assume essa liderança no bairro, a população leva essa problemática a ele, que não quer a polícia no bairro dele. O traficante vai chamar o indivíduo e mandar ele devolver o que roubou, expulsar ou matar. O traficante assumiu o poder de Estado.